


Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade

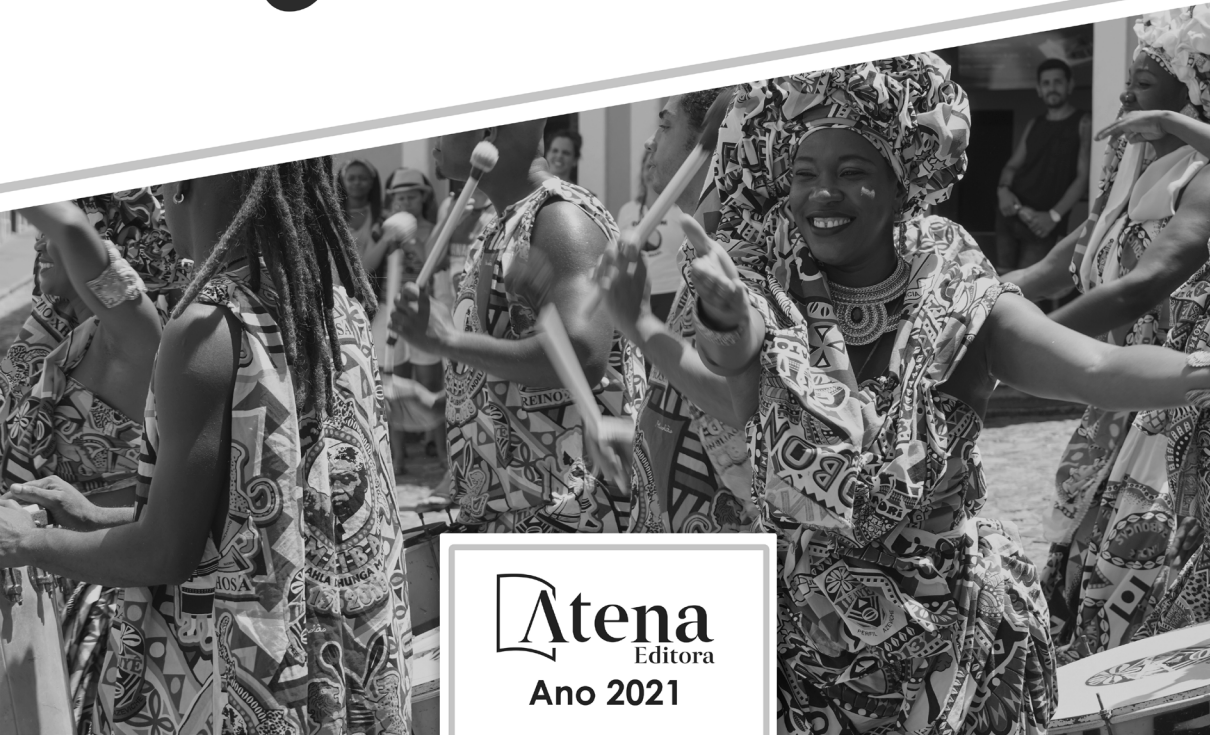


Atena
Editora
Ano 2021



Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memória, cultura e sociedade / Organizadores Joaquim dos Santos, José Italo Bezerra Viana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-134-0

DOI 10.22533/at.ed.340213105

1. Sociedade. 2. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Viana, José Italo Bezerra (Organizador). III. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma demonstração da fecunda e complexa experiência humana em diferentes tempos e espaços, vista aqui pelo prisma do tripé *Memória, Cultura e Sociedade*, novelo que dá título à obra. Numa perspectiva interdisciplinar, as atitudes narrativas constitutivas do seu corpo discursivo elucidam a cultura numa abordagem ampla, como um conjunto de relações humanas, em suas formas materiais e imateriais, o que desnuda a diversidade cultural presente nos temas dissertados.

Seguindo esse horizonte, são abordadas as relações entre indivíduo e sociedade, bem como entre mudanças e continuidades postas na paisagem social, cultural e histórica. A sociedade é apresentada como uma construção histórica numa simbiose de um todo conectado, no qual as pessoas vivem. Assim, modos e construção de relações, combinação de instituições, normas e formas de organização social integram esse novelo. Nesse direcionamento, a memória é apresentada como uma construção humana, individual e social, portanto, também histórica.

Ao longo dos vinte e seis capítulos que integram o livro, uma diversidade de temas e recortes são elencados, abordando as relações entre memória e identidade e colocando em cena seus processos de construção, afirmação e resistências. Nestes termos, a dimensão histórica da memória é apresentada e refletida nas cidades e em suas paisagens, bem como nas reflexões sobre espaços, natureza, trabalho, instituições, territorialização e culturas.

As linguagens a partir das quais as memórias, as culturas e sociedades são postas e problematizadas também ganham corpo, materialidade e densidade discursiva. Nesse sentido, as importantes reflexões a respeito de imagens, teatros, músicas, literatura e objetos são postas em relevo. Outrossim, ganha destaque o debate sobre cultura material mediante as historicidades e danações dos museus e de seus visitantes, revelando ainda as mediações entre a cultura material e os processos histórico-sociais.

O cenário político presente nas disputas por memórias, culturas, identidades e sociedades também não fica de fora. Desse modo, a perspectiva decolonial situa uma postura ética e política de enfrentamento das “colonizações” sobre corpos e ideias, demonstrando que é necessário descolonizar o pensamento e a vida social. Além de tudo isso, o ponto de intersecção entre ensino, pesquisa e extensão universitárias lança luz para processos formativos diversos e plurais nas quais as diversidades ganham materialidade e ressonâncias.

As histórias que este livro conta incluem a diversidade como marca essencial para que possamos nos (re)produzir como cultura humana. Simboliza as circunstâncias de constituição da sociedade através da preservação e transmissão da memória, dando sentido a formas distintas de saber, de aprender e de ensinar a respeito dos ritmos que produzem a cadência do baile da vida.

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Rosali Henriques

DOI 10.22533/at.ed.3402131051

CAPÍTULO 2..... 12

ICONOLOGIA DE SÃO BENEDITO E O ATRIBUTO DA ABÓBORA: EDUCAÇÃO, ARTE E SINCRETISMO NA REGIÃO AURÍFERA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Luiz Fernando Conde Sangenis

Ketley Flor Soares Bially

DOI 10.22533/at.ed.3402131052

CAPÍTULO 3..... 23

VERTICALIZAÇÃO À FRANCESA NO RIO DE JANEIRO: O CASO DO EDIFÍCIO TAMANDARÉ

Denise Vianna Nunes

Lívia Paiva Colonese

DOI 10.22533/at.ed.3402131053

CAPÍTULO 4..... 38

JARDIM CEARÁ: O PADRE MIGUEL COELHO DE SÁ BARRETO E A FESTA SOCIORRELIGIOSA DA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

Maria Jorge dos Santos Leite

Manoel Joaquim Leite Neto

DOI 10.22533/at.ed.3402131054

CAPÍTULO 5..... 50

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DO ÁLBUM ILLUSTRADO DE GOYANNA: 1921-2021

Angela Ninfa Mendes de Andrade Cabral

José Bartolomeu dos Santos Júnior

Eliton Leandro de Oliveira Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3402131055

CAPÍTULO 6..... 63

O PASSADO DA IMPRENSA BRASILEIRA: O RESGATE DA MEMÓRIA DA REVISTA “INTERVALO” ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL

Talita Souza Magnolo

DOI 10.22533/at.ed.3402131056

CAPÍTULO 7..... 79

A MEMÓRIA DA CENA TEATRAL CARIOCA NA DÉCADA DE 1970

Ana Paula Dessupoio Chaves

Talita Souza Magnolo

DOI 10.22533/at.ed.3402131057

CAPÍTULO 8	92
ESTÉTICA E METALINGUAGEM EM PASÁRGADA Vitor Hugo da Silva DOI 10.22533/at.ed.3402131058	
CAPÍTULO 9	103
DO “STATUS” AO STRESS: UMA ANÁLISE DO CONTO DE LÍLIA MOMPLÉ Maria Aparecida Nascimento de Almeida DOI 10.22533/at.ed.3402131059	
CAPÍTULO 10	117
O CONSUMO DE REGGAETON ANTES E DEPOIS DE DESPACITO PELOS BRASILEIROS Danilo Espindola Catalano DOI 10.22533/at.ed.34021310510	
CAPÍTULO 11	129
ENTRE A CASA E A RUA: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O ÓCIO EM TEMPOS DE COVID-19 Rosana Eduardo da Silva Leal DOI 10.22533/at.ed.34021310511	
CAPÍTULO 12	142
CALDAS NOVAS-GO: TRADIÇÃO E IDENTIDADE NA TRANSIÇÃO DO USO DAS ÁGUAS TERMAIS PARA CURA E SUA APROPRIAÇÃO PELOS EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS PARA O LAZER E ENTRETENIMENTO Sheila Cristina Endres Palmerston Hamilton Afonso de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.34021310512	
CAPÍTULO 13	155
A DEMOCRATIZAÇÃO DO MUSEU PARA O VISITANTE Ana Fabiola Correia da Costa DOI 10.22533/at.ed.34021310513	
CAPÍTULO 14	168
COLEÇÃO E MUSEALIDADE: O MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS EM FOCO José Paulo Siefert Brahm Márcia Della Flora Cortes Diego Lemos Ribeiro Juliane Conceição Primon Serres João Fernando Igansi Nunes DOI 10.22533/at.ed.34021310514	
CAPÍTULO 15	182
CRECHES COMUNITÁRIAS DE UBERLÂNDIA: UMA MARCA DA MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE DO SÉCULO XX Vinicius Silva DOI 10.22533/at.ed.34021310515	

CAPÍTULO 16	191
MOVIMENTO DECOLONIAL, FORMAÇÃO DOCENTE E HUMANIDADES: TESSITURAS POSSÍVEIS	
Katia Gonçalves Castor	
Jalber Boa Camilo	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
Juliana Nunes Novaes	
DOI 10.22533/at.ed.34021310516	
CAPÍTULO 17	206
RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO TAMBOR DE CRIOLA NO BAIRRO CAMPINHO EM BACURI-MA: TRAÇANDO UMA HISTÓRIOGRAFIA	
Verônica Maria de Moraes Alexandre Santana	
DOI 10.22533/at.ed.34021310517	
CAPÍTULO 18	216
O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO LOCAL DE REFUGIADOS POR MEIO DA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO	
Álvaro Luiz da Silva Santos	
Thalita Franciely de Melo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310518	
CAPÍTULO 19	235
PAISAGEM CULTURAL E TERRITORIALIZAÇÃO DO CORPO: O CASO DA VILA CASONI, LONDRINA (PR)	
Caroline Santos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310519	
CAPÍTULO 20	242
POPULAÇÃO IDOSA E INDÍGENA NO PROCESSO MODERNO: TRADIÇÃO E ADAPTAÇÃO	
Aline Rocha Amaral	
Raine Clavisso Pereira	
Fábio Rodrigues da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.34021310520	
CAPÍTULO 21	250
ENTRE O RIO E A MATA: O ESPAÇO TERRITORIAL COMO REFERENTE IDENTITÁRIO E CULTURAL EM UM POVOADO DA AMAZÔNIA TOCANTINA SÍMBOLO DE PODER FEMININO	
Mix de Leão Moia	
Francisco Wagner Urbano	
DOI 10.22533/at.ed.34021310521	

CAPÍTULO 22.....	258
FORMAÇÃO DOCENTE E SEXUALIDADE: AÇÃO EXTENSIONISTA NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA SABERES INDISPENSÁVEIS PARA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E CONTINUADA	
Gislene Lisboa de Oliveira	
Valéria Soares de Lima	
Lilian Cristina dos Santos	
Gabriel Soares Sena	
DOI 10.22533/at.ed.34021310522	
CAPÍTULO 23.....	272
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA	
Gustavo Avelino da Silva	
Ana Cristina Fernandes Pereira Wolff	
Carina Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310523	
CAPÍTULO 24.....	281
A AMEAÇA DO ANIMALESKO ANTE A HUMANIDADE: UMA LEITURA DE CEM ANOS DE SOLIDÃO SOB A LUZ DA FILOSOFIA DE ADORNO E HORKHEIMER	
Lorena Gonçalves Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310524	
CAPÍTULO 25.....	286
NUTRIARTES: UM PROJETO DE EXTENSÃO	
Ana Luiza Araujo Rocha	
Luis Gustavo Alves Monteiro	
Nathália Nascimento Fernandes Franco	
Mellissa Yumi Ferreira Kawamoto	
Pedro Eduardo Ochoa Michelin	
Juliana Pulsena Cunha	
Glaucia Carielo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.34021310525	
CAPÍTULO 26.....	292
OFICINA DE BERIMBAU: CULTURA E AFRICANIDADES	
Jackson dos Reis Novais	
DOI 10.22533/at.ed.34021310526	
SOBRE OS ORGANIZADORES	296
ÍNDICE REMISSIVO.....	297

RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO TAMBOR DE CRIOLA NO BAIRRO CAMPINHO EM BACURI-MA: TRAÇANDO UMA HITORIOGRAFIA

Data de aceite: 21/05/2021

Data da submissão: 28/04/2021

**Verônica Maria de Moraes Alexandre
Santana**

Instituto de Ensino Superior Franciscano-IESF
Bacuri – MA
<http://lattes.cnpq.br/5721615651551279>

RESUMO: O presente artigo busca fazer uma análise historiográfica acerca da cultura do Tambor de Crioula – manifestação cultural de origem africana com raízes no bairro Campinho no município de Bacuri–MA, procurando identificá-la enquanto cultura local vivenciada e passada de geração a geração. O referido estudo será realizado por meio de visitas, observações e entrevistas, objetivando não somente descrever a dança, mas, também evidenciar elementos esclarecedores sobre o contexto social no qual a mesma se insere, conhecendo seus produtores, afrodescendentes e, que pertencem a setores das classes menos favorecidas. Propõe ainda, analisar as dificuldades vivenciadas quanto à sua preservação e sugerir práticas que possam revitalizá-lo de modo a garantir sua continuidade oportunizando às gerações futuras o seu conhecimento e sua prática.

PALAVRAS - CHAVE: Tambor de crioula. Manifestação cultural. Revitalização.

RESISTANCE AND PRESERVATION OF THE CRYULA DRUM IN THE NEIGHBORHOOD CAMPINHO IN BACURI-MA: PLACING A HITORIOGRAPHY

ABSTRACT: This article seeks to make a historiographical analysis about the culture of Tambor de Crioula - cultural manifestation of African origin with roots in the Campinho neighborhood in the municipality of Bacuri – MA, seeking to identify it as a local culture experienced and passed from generation to generation. This study will be carried out through visits, observations and interviews, aiming not only to describe the dance, but also to highlight elements that clarify the social context in which it is inserted, knowing its producers, people of African descent and who belong to sectors of less favored classes. It also proposes to analyze the difficulties experienced regarding its preservation and suggest practices that can revitalize it in order to guarantee its continuity, providing future generations with their knowledge and practice.

KEYWORDS: Creole Drum. Cultural Manifestation. Revitalization.

1 | INTRODUÇÃO

O Tambor de Crioula no Município de Bacuri, e em especial no bairro Campinho, tem se mostrado uma manifestação cultural presente apenas entre aqueles moradores mais antigos, cujas raízes eles levarão consigo se não forem transmitidas às novas e futuras gerações. Nesse contexto, faz-se necessário fazer uma

análise dessa manifestação cultural através de levantamentos e estudos historiográficos, para assim propor a sua revitalização e valorização pelas novas gerações bacurienses com o intuito de manter viva essa tradição cultural.

Diante do exposto, chegou-se ao seguinte problema: “como fazer o resgate da manifestação cultural Tambor de Crioula de modo a revitalizá-la enquanto prática cultural”?

A princípio, muitos obstáculos tornaram-se aparentes, haja vista ser uma dança de origem africana, sem época fixa de apresentação e que se incorpora à prática do catolicismo tradicional e da religiosidade afro-maranhense. Assim sendo, o estudo dessa manifestação visa não somente descrever a dança em suas particularidades, mas também evidenciar elementos esclarecedores sobre o contexto social no qual a mesma se insere. Pois, seus produtores são predominantemente afrodescendentes que pertencem a setores das classes menos favorecidas, além de possuir uma idade já um tanto avançada.

Portanto, com o intuito de desenvolver um estudo e apresentar propostas que possam amenizar a problemática evidenciada, é que se propõe a revitalização do Tambor de Crioula enquanto manifestação cultural praticada no Bairro Campinho no Município de Bacuri/MA.

A referida pesquisa pode ser identificada como exploratória combinada com descritiva, explicativa e aplicada. Exploratória por objetivar uma maior familiarização com o objeto de estudo permitindo maior compreensão, entendimento e precisão. Descritiva por visar a uma melhor descrição do ambiente físico em que vive o grupo de Tambor de Crioula no bairro Campinho. Explicativa porque busca uma conexão de ideias e fatores identificados para compreender as causas e efeitos da atual situação do grupo Tambor de Crioula do referido bairro e aplicada por se tratar de um problema concreto que precisa da elaboração de uma proposta para a resolução das adversidades encontradas. Quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica e de campo. Bibliográfica face à necessidade de se recorrer às publicações escrita sobre a temática para o embasamento e elaboração do marco teórico com o intuito de confrontar as informações com a realidade encontrada no campo, que é o bairro Campinho, local de morada daqueles que praticam a dança do Tambor de Crioula. De campo, considerando que o objeto investigado é algo concreto que se manifesta em uma comunidade e que necessita de um estudo e pesquisa *in loco*. Enquanto procedimento, a pesquisa realizar-se-á por meio de observação direta intensiva que inclui a observação não-participante e realização de entrevistas despadronizadas, a fim de deixar os entrevistados livres para falar sobre o objeto de estudo e suas vivências. Os sujeitos envolvidos no processo é o grupo de Tambor de Crioula da Comunidade Campinho.

Sendo o Tambor de Crioula o objeto central de reflexão, seu estudo constituiu-se em oportunidade de intensificados contatos com o referido grupo para obtenção de informações e de conhecimento acerca de suas características, aspirações e expressões de resistência e de luta na busca de sua preservação enquanto manifestação cultural local.

Deste modo, propõe-se inicialmente historicizar o Tambor de Crioula enquanto

cultura a ser vivenciada de geração em geração através de leitura de textos que subsidiem a temática em questão, propondo uma visão geral das manifestações lúdicas dos negros na estrutura colonial brasileira; em seguida, será feita uma análise do histórico do Tambor de Crioula no município de Bacuri/MA, mais precisamente no Bairro Campinho, descrevendo como é realizada a dança nessa localidade. Na sequência, será elaborado um diagnóstico das dificuldades vivenciadas por aqueles que praticam a referida manifestação cultural, e, por fim, sugerem-se práticas de preservação do Tambor de Crioula, com vistas à sua revitalização.

2 | GENEALOGIA DO TAMBOR DE CRIOULA

O regime de trabalho escravocrata implantado no período colonial brasileiro e baseado na mão-de-obra africana configura uma complexa estrutura de dominação cujos mecanismos básicos tinham a finalidade de reprimir de todas as maneiras e em todos os níveis as manifestações culturais dos dominados. Nessa questão, pressupondo-se o ser humano como agente social e produtor de cultura, evoca-se a emergência de suas histórias, delineadas no movimento do tempo em interação com o movimento no espaço. Esse movimento por sua vez, é mediado por diferentes linguagens, cujas expressões denotam traços de conhecimentos, valores de um povo, de uma etnia ou de um determinado grupo social.

Neste íterim, o pensamento de Carlos Rodrigues Brandão, resume pontualmente o que foi destacado anteriormente:

Com pontos de contatos e atrito entre a esfera política e a propriamente religiosa, os rituais de nossa cultura popular são produções que existem, na maior parte dos casos desde o tempo do domínio colonial. Às vezes perseguidos, outras vezes tolerados e até estimulados pelos donos do poder, da sociedade e do Estado, os rituais que conseguiram sobreviver até os dias de hoje, são quase sempre formas empobrecidas e isoladas de festividades de uma complexidade surpreendente (BRAN DÃO, 1977: 16.)

Portanto, vivendo sob o jugo do trabalho forçado e torturado, bem poucas chances tinha o negro escravo de praticar os seus rituais de origem. A partir daí surge o que Eduardo Hoonart denomina de “cultos clandestinos” e sobre os quais escreveu:

O maior ambiente alternativo naquele tempo era a própria noite... Pode-se dizer que o dia pertencia aos brancos e à noite aos escravos. De noite os caminhos do Brasil se fechavam aos brancos que se recolhiam nas casas grandes com medo dos escravos. Estes aproveitavam da escuridão para exprimir uma vida social que não podia enquadrar-se nos moldes do sistema colonial e significava a sua identidade como pessoa e como o povo. (HOONART, 1977: 395).

Por outro lado, este autor destacava a efetiva manipulação dos símbolos católicos oficiais usados pelos escravos, que assim, e através destes, conseguiam uma maior e relativa liberdade para a realização de seus cultos, os quais “deviam significar a integração na sociedade escravocrata, mas passaram a significar a defesa contra esta sociedade”, acrescentando, o referido autor faz a seguinte caracterização:

Enquanto o sistema colonial procurou instalar uma incomunicação entre senhor e escravo, tirando a palavra do escravo, os cultos procuraram revitalizar este diálogo, nunca inteiramente interrompido, por meio da expressão corporal, que era o meio de comunicação que o sistema deixava ao escravo. (HOONAERT 1977: 396/397).

Operando assim com o sincretismo singular, a partir da sutil identificação com modelos católicos, os negros puderam manter um forte esquema de resistência, contando inclusive com a participação dos integrantes do clero na reivindicação de uma de suas mais importantes necessidades: o lazer - conquista chamada após longos anos de “luta”, também chamada de “raízes institucionais das sobrevivências africanas”. A partir das relações trabalhistas, entre senhores e escravos, tendo os primeiros se decidido pela liberação de um espaço na estrutura do cativo a fim de que os negros pudessem dançar e cantar para desse modo não morrerem de tristeza e, sobretudo, apresentasse mais produtividade e procriassem mais, desponta o “Tambor de Crioula”, dança afro-brasileira encontrada em todo o estado do Maranhão e, portanto, praticada por afrodescendentes. É conhecido também como ritual da procriação. Dela participa homens e mulheres, e, embora severamente proibida pelos senhores na época colonial, por se confundir com feitiçaria e/ou bruxaria, além de se constituir uma dança com conotações de caráter lascivo, imoral e obsceno, mesmo assim, muitos fazendeiros fingiam que não viam, pois, tinham grande interesse em aumentar o número de escravos.

O tambor de crioula, dança que claramente retém em si traços de origem africana, é realizada sob a alegação de vários motivos: diversão, pagamento de promessa para São Benedito, o “Santo Pretinho” como é carinhosamente chamado nas rodas de Tambor de Crioula, e, também em comemorações diversas, bem como na época dos festejos junino, praticada tanto na zona rural quanto na zona urbana. O processo de aprendizagem é espontâneo e informal. Realiza-se principalmente através da convivência entre pessoas que pertencem ou se identificam com o grupo social que cultivava a dança e a consideram como um exercício de luta. Nesse sentido, Leonardo Martins, um dos principais dirigentes de grupos de tambor de crioula de São Luís faz uma interessante colocação.

O tambor de crioula é uma dança que foi inventada pelos pretos escravos que cantavam e dançavam para se divertir. É uma dança de preto e só é boa quando tem preto, pois preto toca e canta melhor e é a classe mais forte que existe no mundo. (MARTINS APUD FERRETTI, 1979).

Logo, o tambor de crioula faz parte da cultura dos afrodescendentes. É uma arte que é deles, traz a sua identidade, pondo sentido na brincadeira enquanto manifestação cultural de grande significância para o grupo que dela participa e orgulha-se. Pois, é uma dança que causa admiração pela resistência da classe que a produz, e, apesar da desigualdade de forças presentes, sobretudo no simbolismo da dança, sua linguagem traduz dentre outros temas: a liberdade, a força cultural, o ritmo, a alegria e a criação de um espaço próprio em meio a tantas imposições.

Quanto a sua organização, e no que diz respeito às suas vestes e adornos, pode-se dizer que a indumentária do tambor de crioula se caracteriza por cores vivas. As características inerentes à vestimenta da mulher são saias rodadas coloridas, anáguas longas ponteadas com rendas, blusas rendadas e decotadas, enfeitam-se com flores, colares, pulseiras, brincos, anéis e torsos coloridos na cabeça. Os homens geralmente vestem calças escuras, camisas de manga curta ou comprida de chitão estampado ou em quadros, sobreposta com a camisa de malha branca e chapéu na cabeça.

Na dança do Tambor de crioula destaca-se a presença de vibrantes formas de expressão corporal, apresentadas principalmente pelas mulheres que ressaltam em movimentos coordenados e harmônicos cada parte do corpo como cabeça, ombros, braços, cinturas, quadris, pernas e pés. O tambor de crioula é dançado geralmente ao ar livre, sua coreografia livre e variada é desenvolvida no interior de um círculo formado pelas dançantes (baiantes ou coreiras), tocadores e cantadores dispostos um ao lado do outro. Dentro da roda entra uma dançante de cada vez, enquanto as outras ficam trocando os passos miúdos para o lado direito e esquerdo ou fazendo pequenas evoluções esperando a PUNGA que se constitui no ponto mais alto da coreografia do tambor de crioula, se caracterizando como convite para entrar na roda. Cada coreira (dançante) define sua forma individual de dançar, contudo, observa-se uma unidade coreográfica no conjunto como um todo. Normalmente não existe quebra de ritmo e todas as dançantes seguem o mesmo compasso dos tocadores. Em torno da roda, pelo lado de fora, ficam os amigos, parentes, apreciadores da dança, e, também a assistência que auxilia toda a apresentação.

A música que acompanha a dança é tocada por três tambores de madeira com couro preso por cravelhas que são amarrados com uma correia de couro para dar maior sustentação. Os tambores são colocados ao redor de uma fogueira para serem aquecidos e possibilitar a correta afinação do couro.

Os instrumentos são colocados um ao lado do outro na mesma linha obedecendo a seguinte ordem de conjunto da direita para a esquerda: **tambor grande, meião e crivador**. Os dois últimos ficam assentados em um pedaço de madeira, enquanto o grande é apoiado no chão e enlaçado à cintura do instrumentista por uma corda.

O conjunto de instrumentos que acompanha o tambor de crioula chama-se PARELHA. Levando-se em conta a ordem musical de entrada dos instrumentos, normalmente evidenciado pelos instrumentalistas no início de uma rodada, tem-se a seguinte relação:

1º meia - chamado de tambor mestre por iniciar o toque dando a característica do andamento da toada a ser cantada; **2º crivador** - possui dois toques: simples e repenicado; **3º tambor grande** - a área percutida é maior do que nos outros tambores, possibilitando o uso de efeitos tímbricos diferenciados: o agudo e grave abafado. Exige maior condição de improviso, pois é diretamente relacionado com as diversas situações pressentidas no conjunto instrumental e na coreografia.

Em alguns momentos do tambor de crioula percebe-se a presença de “palmas” que significam a participação coletiva e espontânea daqueles que não estão tocando ou cantando. Quanto ao canto realizado no tambor de crioula, distingue-se as toadas caracterizadas em sua maioria por “quadras” ou por “dísticos”, onde normalmente o segundo verso rima com o quarto não havendo rima entre o primeiro e o terceiro. Os ciclos do toque das toadas nas danças, repetem-se através da noite. Por essa razão, alguns consideram o tambor de crioula monótono. No entanto, é “particularmente desta forma repetitiva de ser que facilita a interação musical e social dos seus participantes. Essa interação é a força do tambor de crioula”, como afirma Patrícia Sandler (1995: 29).

3 I O TAMBOR DE CRIOULA EM BACURI

Neste município a dança do tambor de crioula constitui hoje em dia uma das manifestações culturais mais comuns, realizadas principalmente por descendentes de ex-escravos. Dentre outras particularidades, ressalta-se que esta dança se encontra profundamente ligada aos pagamentos de promessas e as festas em homenagem aos padroeiros de bairro da cidade.

Ao final do século passado o litoral norte do Maranhão devido ao mar como único caminho e ao solo apropriado para o plantio da cana-de-açúcar tornou-se atrativo para a implantação de diversos engenhos de produção de açúcar e aguardente sob o regime de produção escravista fornecido pelo tráfico de escravos vindos de vários outros engenhos que prosperaram na região. Conseqüentemente o número de escravo cresceu e com eles vieram as suas culturas e suas tradições. O tambor de crioula em Bacuri nasceu no povoado Bitíua, um dos engenhos que se tornou autossuficiente nesse período. Em 1889, após a libertação dos escravos, os negros começaram a se dispersar, construíram seus ranchos e suas roças. O lugarejo que antes era mata começava a transformar-se em um pequeno povoado, que crescia com a chegada de comerciantes.

Na década de vinte com o êxodo dos escravos originou-se o que hoje é a sede do município, localizado na cabeceira do Rio Tomacatingas, que deságua na margem direita do rio Turiaçu, situado na Mesorregião Norte Maranhense e na Microrregião do Litoral Ocidental Maranhense, região conhecida como Floresta dos Guarás. Limita-se ao norte com o município de Apicum-Açu e Oceano Atlântico, ao sul e ao leste com o município de Serrano do Maranhão e ao Oeste com o município de Turiaçu. Em 16 de novembro de 1961

o município é criado segundo a Lei 2.154, sendo desmembrado do município de Cururupu e instalado em 01 de janeiro de 1962. Possui uma área de 682 km² e uma população de 18 mil habitantes, é composto por vários povoados que foram surgindo desde o início do século.

Do povoado vertedouro muitos negros vieram para a sede do município, formando assim o bairro Campinho, uma comunidade de 1.426 habitantes - (fonte: FNS do município), negros em sua maioria, filho de escravos que até hoje passam a sua cultura e as suas tradições. Os grupos de tambor de crioula lá existem, lá estão as raízes desta dança de origem africana, cultuada pelos seus antigos brincantes, idosos de faixa etária que variam entre 60 e 70 anos, esbanjando vitalidade e alegria em suas rodas de tambor de crioula nas quais amanhecem o dia em clima de festa e satisfação.

Segundo depoimentos dos brincantes mais antigos, quem começou o tambor de crioula em Bacuri foi a Senhora Josefa Mafra para pagar uma promessa a São Benedito, isso ainda na década de 20. Daí em diante, o tambor de crioula tornou-se festa popular, aplaudido e apreciado por todos os bacurienses.

O auge do tambor de crioula em Bacuri aconteceu mesmo no final dos anos 60 e início dos anos 70, quando houve o incentivo da brincadeira principalmente nas Festas Juninas, a partir daí é acesa a chama dos grupos de tambor de crioula no município, que deixa de acontecer apenas como pagamento de promessas, passando também a fazer parte do calendário das festas da cidade, e, especialmente acontecendo também aos sábados no terreiro de algumas pessoas que apreciavam a dança. Tudo era festejado com o tambor de crioula, a chegada de uma pessoa importante, de um parente, nas datas comemorativas, qualquer ocasião era uma desculpa para uma noitada de tambor de crioula que sempre reunia mais de cem pessoas entre brancos e negros, todos davam valor e aplaudiam essa grande manifestação da cultura popular.

4 | A RESISTÊNCIA MILENAR DA MANIFESTAÇÃO CULTURAL

A partir de 1977, inicia-se a fase de decadência dessa manifestação, ocasionada principalmente pela chegada da energia elétrica no município. Com a saída de Bacuri da escuridão e a chegada dos meios de comunicação, a exemplo da televisão invadindo as casas das famílias bacurienses, servindo principalmente como atrativo especialmente para os jovens e trazendo-lhes o conhecimento de outras culturas, outros ritmos e outras danças, levando o tambor de crioula novamente a cair no esquecimento. Na sequência, mais uma inovação com o surgimento das aparelhagens de radiola. As festas passaram a acontecer com estes aparelhos, reunindo multidões sem distinção de classe social cor e/ou etnia, relegando o tambor de crioula que volta a acontecer somente nas Festas Juninas ou como pagamento de promessas dos devotos de São Benedito.

Nesse contexto, o tambor de crioula perde sua relevância e seu espaço na estrutura

social, ficando esquecido pela comunidade e presente apenas na vida daqueles que o tem como herança cultural. Há um preconceito principalmente da camada mais jovem, especialmente entre os jovens da comunidade que demonstram ter vergonha da sua cultura, das suas raízes e da sua história, enfim, vergonha do tambor de crioula, chamando-a de “dança de preto ou de velho”, preferido incorporar-se nas danças e nos ritmos atuais por estarem na moda. Como consequência desse fato, vê-se uma cultura, uma tradição popular esquecida, morrendo, haja vista, que muitos grupos já se desintegraram tendo como principal razão a morte de seus participantes, por já terem suas idades avançadas.

No entanto, é visível a resistência daqueles que cultivam e cultuam essa tradição, que lutam pela conservação de suas raízes, que pensam na posteridade, com o desejo que as futuras gerações também possam conhecer essa milenar manifestação.

5 | PRESERVAÇÃO DO TAMBOR DE CRIOLA EM BACURI

O tambor de crioula em Bacuri é uma dança organizada por negros afrodescendentes, moradores do bairro Campinho e acontece em homenagem a São Benedito, outros padroeiros e outras entidades. Não constituindo assim manifestação especificamente religiosa, pois, também é considerada como brincadeira podendo ser realizada em qualquer época do ano. Essa manifestação cultural hora esquecida e desvalorizada pela sociedade bacuriense, vivenciada apenas por seus antigos e fiéis brincantes que insistem em cultivá-la e cultuá-la, necessita de ações que proporcionem a sua revitalização.

Nessa perspectiva, sugerem-se práticas que conduzam o tambor de crioula de volta ao seio da sociedade bacuriense com a valorização e o respeito que lhe é devido. De acordo com Florestan Fernandes, “cultura compreende todos os elementos que constituem soluções usuais e costumeiras admitidas e esperadas dos membros de uma sociedade transmitida de geração em geração” (1975: 15).

Portanto, no intuito de que esta manifestação possa ser preservada e as gerações vindouras possam conhecê-la e até mesmo vivenciá-la, faz-se necessário o incentivo à criação de novos grupos de tambor de crioula, tendo as escolas como estimuladora dessa prática, através da realização de projetos que envolvam os jovens, e os ajudem a despertar suas consciências históricas e a memória de suas ancestralidades, para que assim se proponham a aprender e valorizar a arte do tambor de crioula, e, novos grupos possam surgir a partir dos ensinamentos dos mestres, aqueles que são os pais dessa dança. E embora jovens de espírito e disposição, já estão com a idade avançada e precisam passar seus ensinamentos e suas experiências, contribuindo na tarefa de preservação dessa manifestação que tem tanta história para contar e que as futuras gerações tenham a oportunidade de conhecer e vivenciar tais histórias, construindo a imortalidade da dança do tambor de crioula em conformidade com o pensamento de Carlos de Lima da Comissão Maranhense de Folclore:

Tambor de crioula, imperecível, ressurgindo das cinzas a cada oportunidade, belo, contagiante e imortal. Dança do povo, lenitivo dos escravos, tambor de negros, voz da África, permanecerás para sempre como testemunho e protesto das injustiças, livre, solto, arrebatador, canto da Terra e da alma maranhense. (LIMA, 1995: BOLETIM 03).

6 | CONCLUSÃO

O Presente artigo buscou fazer uma análise histórica do tema que versa sobre a historiografia do tambor de crioula em Bacuri e algumas questões existenciais que marcam sua trajetória. Sendo assim, o tambor de crioula no seu surgimento foi marginalizado pela sociedade dominante, sendo até mesmo proibido no espaço urbano. Porém, pouco a pouco conseguiu o seu espaço e se tornou uma manifestação cultural de grande relevância na sociedade até um dado momento.

No entanto, vivenciou momentos de esquecimentos, presente apenas em algumas raras situações, aplaudido unicamente por seus integrantes, ficando à margem do contexto social que o produziu e o valorizou em sua época de ascensão. Por conseguinte, uma manifestação cultural, a essência de um povo que a produziu não pode morrer, perdendo sua significância no atual cenário. Logo, é necessário que o seu conhecimento seja passado para as novas gerações através de uma proposta de preservação que verdadeiramente possa fazer a revitalização dessa manifestação conceituada como sendo um dos mais belos espetáculos culturais, e que, portanto, precisa ser preservado.

Portanto, o Tambor de Crioula é, sobretudo uma dança de origem africana traduzida ao estilo maranhense e bacuriense, tornando-se uma prática ritual em diversos momentos. E como ritual, e observado em seu meio, é um belo espetáculo e que carece e precisa ser valorizado como manifestação cultural e preservado em sua originalidade, não permitindo a sua descaracterização.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Um pouco de ordem nesse debate – Movimentos**. Rio de Janeiro: Ed. Autores Associados, 1977, 116 páginas.

CARVALHO, Ozimo de. Et al. **Retratos da cultura**. 1977, 115 páginas.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1978, 180p.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Tambor de crioula: ritual e espetáculo**. São Luís: SIOGE, 1979, 156 páginas.

HOONAERT, Eduardo. **História geral da igreja na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1977, 409 páginas.

LIMA, Carlos de. **Tambor de crioula – memória.** São Luís: SIOGE- Comissão Maranhense de folclore. Boletim 03/agosto 1995.

SANDLER, Patrícia. **Musicalidade no tambor de crioula.** São Luís: SIOGE- Comissão Maranhense de Folclore, 03/agosto 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Africanidades 9, 62, 292, 294

Arte 6, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 21, 22, 36, 62, 66, 67, 73, 76, 77, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 90, 94, 110, 116, 128, 136, 156, 157, 166, 170, 175, 180, 210, 213, 252, 273, 274, 279, 287, 288, 289, 290, 291, 293

Arte Barroca 13

Arte Sacra 12, 13, 16, 17, 18, 22

B

Bens Culturais 86, 123, 155, 156, 159, 162, 165, 166

C

Catolicismo 12, 13, 14, 18, 22, 47, 54, 207

Cidade 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 88, 98, 101, 105, 115, 117, 118, 119, 120, 125, 127, 128, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 159, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 180, 181, 182, 186, 189, 202, 211, 212, 227, 228, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 253, 254, 255

Coleção 7, 36, 62, 78, 162, 168, 170, 172, 181, 189

Comunidade Quilombola 250, 251, 252, 253, 255, 256

Construção Social 6, 1, 7, 9, 10, 66, 177, 190

Conto 7, 70, 103, 105, 108, 109, 112, 115

Corpo 5, 8, 3, 4, 5, 9, 10, 16, 25, 32, 47, 63, 100, 106, 109, 110, 125, 150, 179, 190, 197, 210, 235, 236, 237, 258, 260, 263, 269, 271, 284, 288, 294

Cotidiano 13, 59, 65, 76, 80, 82, 92, 99, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 157, 166, 196, 198, 199, 255, 261, 264, 267, 287

Cultura 2, 5, 9, 9, 12, 13, 14, 16, 19, 22, 23, 24, 29, 36, 44, 47, 62, 63, 65, 66, 80, 82, 85, 88, 91, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 140, 146, 147, 148, 154, 156, 157, 159, 160, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 179, 193, 200, 201, 206, 208, 210, 212, 213, 214, 224, 225, 235, 236, 238, 240, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 261, 263, 273, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 292, 293, 294, 295

Cultura Brasileira 24, 80, 85

Cultura Popular 208, 212

D

Democracia 182, 183, 187, 188, 189, 201, 204, 221, 293

Desenvolvimento 5, 6, 7, 8, 9, 24, 29, 50, 54, 65, 70, 84, 117, 121, 122, 123, 127, 131, 138, 139, 140, 142, 147, 149, 151, 152, 155, 157, 159, 160, 161, 165, 167, 171, 174, 183, 184,

185, 186, 188, 224, 226, 227, 228, 230, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 251, 259, 260, 261, 270, 271, 280, 290, 296

E

Educação 6, 12, 21, 22, 44, 46, 47, 48, 56, 61, 62, 141, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 201, 202, 203, 205, 222, 223, 224, 225, 229, 247, 250, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 279, 290, 292, 293, 294, 295, 296

Ensino 5, 5, 50, 54, 86, 107, 163, 164, 165, 166, 167, 182, 185, 191, 192, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 225, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 269, 270, 292, 293, 294, 295, 296

Espaço 8, 5, 25, 27, 34, 35, 45, 46, 51, 55, 56, 57, 66, 67, 74, 75, 84, 87, 88, 95, 100, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 115, 119, 129, 130, 133, 135, 136, 139, 140, 146, 154, 156, 160, 161, 163, 166, 170, 173, 174, 176, 178, 184, 187, 188, 192, 199, 202, 208, 209, 210, 212, 214, 226, 228, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 263, 264, 271, 272, 274, 288, 289, 290, 293, 294, 295

Esquecimento 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 49, 67, 170, 178, 179, 212

Extensão Universitária 9, 261, 271, 272

F

Formação Docente 8, 9, 191, 192, 196, 197, 201, 203, 258, 260, 261, 264, 265, 269, 270, 271

Formação Social 7, 8, 11

H

História 6, 2, 4, 5, 6, 11, 20, 21, 22, 24, 25, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 81, 83, 85, 90, 91, 94, 95, 101, 102, 104, 107, 123, 126, 128, 131, 141, 142, 154, 167, 171, 172, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 193, 198, 201, 203, 204, 213, 214, 235, 237, 240, 241, 244, 247, 250, 252, 255, 256, 257, 282, 283, 284, 292, 293, 294, 295, 296

História Oral 6, 39, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 78, 235, 237, 240, 250, 252, 257, 296

Historiografia 47, 62, 68, 76, 105, 167, 182, 183, 187, 214, 251

I

Iconografia 15, 16, 21

Identidade 5, 7, 17, 52, 62, 69, 78, 106, 116, 142, 147, 156, 157, 159, 180, 185, 201, 202, 204, 208, 210, 223, 247, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 276

Indígenas 19, 41, 110, 132, 164, 203, 242, 243, 246, 247, 248

Integração 8, 123, 124, 125, 209, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 234, 250, 272, 274, 275, 286, 287, 288, 289, 290

L

Lembranças 2, 3, 4, 8, 10, 39, 40, 48, 63, 64, 67, 70, 94, 98, 172, 175, 178, 180

M

Mediação 1, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 161, 178, 203

Memória 2, 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 36, 48, 49, 63, 77, 78, 180, 181, 296

Memória Coletiva 4, 11, 77

Memória Histórica 4

Memória social 3, 4, 10, 11, 76, 241

Mercado de trabalho 8, 216, 217, 218, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Metalinguagem 7, 92, 93

Modernidade 27, 36, 37, 62, 118, 119, 122, 123, 136, 138, 139, 156, 194, 195, 196, 198, 204, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 257

Movimento Decolonial 8, 191, 192, 193, 196, 197, 200, 201

Musealidade 7, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179

Museu 7, 77, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 181, 296

N

Natureza 5, 6, 7, 8, 9, 16, 38, 44, 46, 68, 94, 95, 132, 137, 149, 152, 159, 179, 189, 193, 197, 200, 201, 203, 220, 221, 244, 245, 251, 279, 281, 282, 284, 285

O

Ócio 7, 129, 130, 131, 138, 139, 140, 141, 149

Oralidade 38, 39, 40, 64, 67, 68, 252

P

Paisagem Cultural 8, 235, 236, 237, 238, 239, 240

Pedagogia 9, 10, 12, 62, 133, 141, 157, 180, 189, 190, 192, 194, 196, 198, 204, 205, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 269, 270, 271

Perspectiva Histórico-Cultural 6, 1, 5, 6, 9, 10

Poesia 9, 2, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 293

Preservação 5, 8, 64, 65, 123, 158, 160, 163, 168, 169, 172, 173, 177, 201, 206, 207, 208, 213, 214, 240, 247, 248, 293, 294

R

Refugiados 8, 137, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Representação 13, 16, 17, 20, 27, 54, 100, 170, 173, 174, 175, 178, 293

Resistência 8, 82, 83, 84, 90, 103, 104, 121, 140, 165, 176, 193, 194, 195, 196, 200, 204, 206, 207, 209, 210, 212, 213, 244, 247, 250, 251, 294

S

Sexualidade 9, 193, 246, 258, 259, 260, 263, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 296

Sincretismo 6, 12, 14, 18, 22, 209

Sociedade 2, 5, 7, 3, 4, 5, 7, 9, 13, 14, 20, 23, 24, 25, 28, 33, 36, 38, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 62, 65, 76, 86, 88, 98, 107, 108, 112, 114, 122, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 146, 147, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 180, 182, 183, 189, 192, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 203, 208, 209, 213, 214, 216, 217, 222, 223, 224, 226, 228, 229, 230, 242, 243, 245, 246, 247, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 269, 270, 271, 274, 280, 288, 293

T

Território 51, 61, 96, 101, 110, 123, 165, 200, 203, 236, 240, 250, 252, 256

Tradição 7, 8, 17, 18, 64, 67, 68, 142, 207, 213, 238, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 280



www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade

**Atena**
Editora

Ano 2021



www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade


Ano 2021